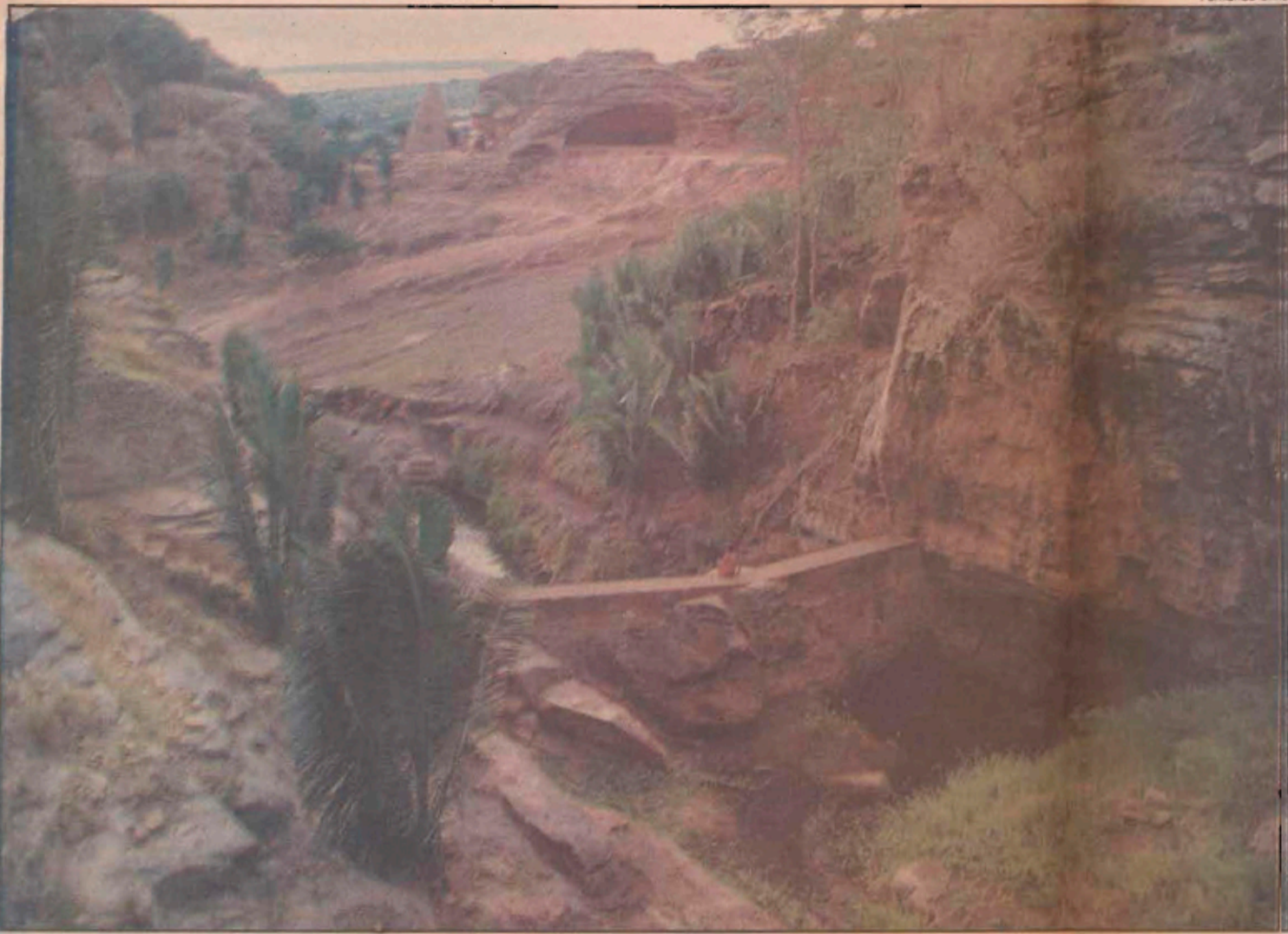


Fernando Silva



Região com altas precipitações rochosas é lugar ideal para o turismo aventura e ecológico

Cenário de lagos, bicas e grutas

# Diversão e história na Serra do Catimbau

SEBASTIÃO LUIZ DE ARAÚJO

dígenas que remontam há séculos e muitas lendas contadas pelos

Jurandir aproveitou os recursos naturais para instalar uma espécie

Há um quê de mistério sobre a Serra do Catimbau, uma região considerada o segundo maior parque arqueológico do Brasil — o primeiro fica em Lagoa Santa, Minas Gerais —, situada no município de Buíque, a 235 quilômetros do Recife. É um complexo de serras, vales e arenitos que reservam as mais variadas surpresas ao visitante, como inscrições rupestres que lembram inscrições feitas pelos persas, cemitérios in-

próprios moradores do local. Mas todo esse cenário começou agora a ser visto com maior atenção pelos estudiosos. Tudo porque o comerciante Jurandir Silva, proprietário de uma área de 11 hectares no sopé da serra, resolveu dotar o lugar com uma infra-estrutura turística, construindo o que batizou de Paraíso Selvagem.

O local faz jus ao nome. Proprietário da área que herdou por usucapião há mais de 20 anos,

Fernando Silva



O vento e o tempo esculpiram formas exóticas

de clube privado, ao qual o turista tem acesso pagando, a preços de hoje, Cr\$ 30 mil (adulto) e Cr\$ 15 mil (criança). Lá encontram-se piscinas naturais formadas por águas que jorram constantemente das encostas, banhos de bica com água caindo de uma altura de seis metros e, o que é mais interessante, é possível ocupar uma das ocas indígenas que estão sendo construídas.

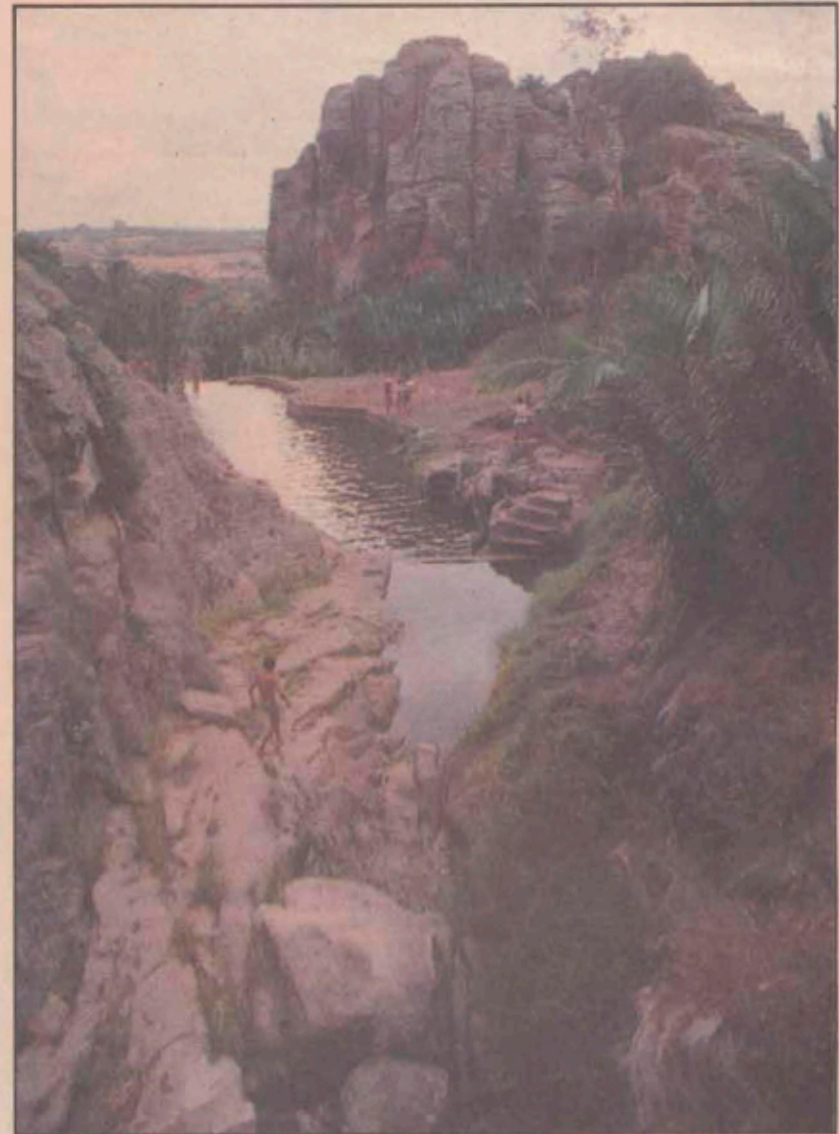
O projeto do comerciante é audacioso e bancado com recursos próprios. Os banheiros e a churrasqueira estão sendo construídos na própria rocha. Para as janelas desses espaços, foram aproveitados discos de grades de tratores, e serrotes servem como placas indicativas. As mesas que serão colocadas em todo o parque, deverão ser construídas em pedra e até os copos serão fabricados em madeira.

## AMANTES DA NATUREZA

A preocupação de Jurandir Silva é manter as características da área, preservando-a, e resgatando a cultura dos seus antepassados indígenas. "Sou rigoroso contra a destruição da natureza. Aqui sempre exerci um papel de

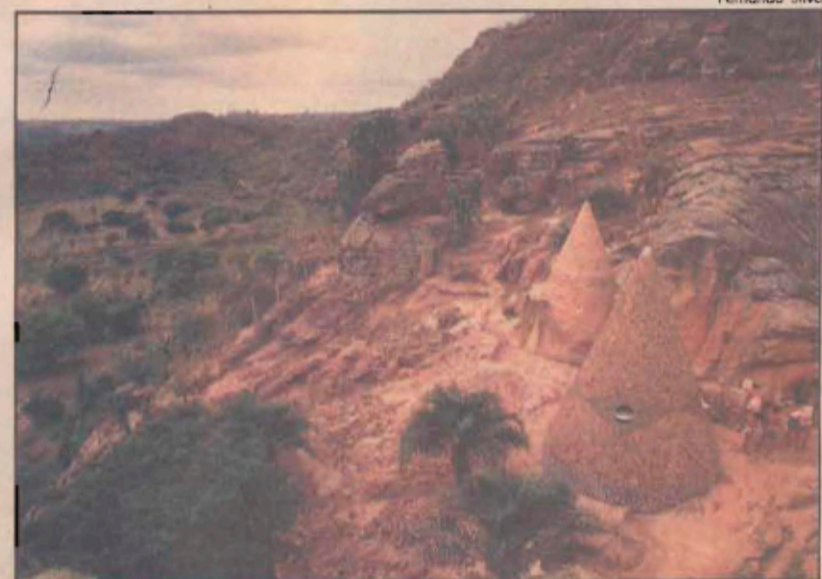
fiscal. Agora, zelo bem mais pelo local", diz Jurandir, rebatendo qualquer crítica. Na verdade, uma das vezes que se levantaram até o momento foi a de Suédson Netva, 31 anos, coordenador de Cultura do Colégio Cardeal Arcoverde, em Arcoverde. Suédson começou a levar os alunos do colégio para pesquisas na área, quando sentiu que o Parque do Catimbau poderia sofrer danos por parte dos turistas, logo que comessem a frequentar o Paraíso Selvagem. "A construção de qualquer obra ali vai descaracterizar o parque e destruir as rochas", aponta Suédson.

Mas sua voz não tem tanto eco assim. Um dos maiores especialistas em arqueologia no Nordeste, e principalmente naquela área, o professor Marcos Albuquerque, coordenador do Laboratório Arqueológico da Universidade Federal de Pernambuco, até elogia o trabalho de Jurandir Silva. Para Marcos, a região poderia ter sofrido danos piores se o comer-



O visitante terá um encontro com piscinas naturais formadas por águas das encostas

Fernando Silva



Um clube privado começa a dotar o lugar de toda infra-estrutura

ciante não estivesse ali. O Ibama sequer determinou que um dos seus fiscais atuasse numa área onde é constante a exploração de madeiras por donos de padarias de Buíque e onde animais raros, como as araras do Vale do Brocotó, podem desaparecer devido à ação de caçadores. "Aquele área merecia um projeto global por vários especialistas, mas sem que fossem prejudicados os esforços locais. É fácil alguém querer condená-lo. Mas se ele (Jurandir) não tivesse chegado lá, o que seria do local?", questiona o arqueólogo.

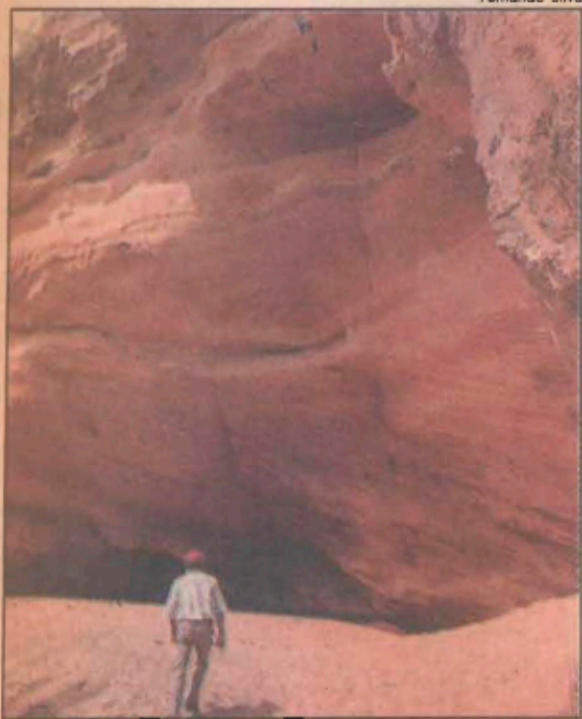
## POR CONTA PRÓPRIA

Apaixonado pelo parque arqueológico do Catimbau, o professor Marcos Albuquerque ressen- se do "descaso" com o qual o poder público no Brasil tem tratado as questões ligadas ao patrimônio

histórico. "Isso não quer dizer que não haja pessoas interessadas, mas não podem atuar porque não há recursos nesse sentido", afirma. A prova dessa falta de atenção do poder público está contida nas próprias palavras de Jurandir Silva. Segundo ele, o prefeito de Buíque, Dilson Santos — que não foi encontrado pela reportagem do *Jornal do Commercio*, por estar viajando, não tem nenhum projeto de iluminar nem asfaltar a estrada que leva ao Catimbau.

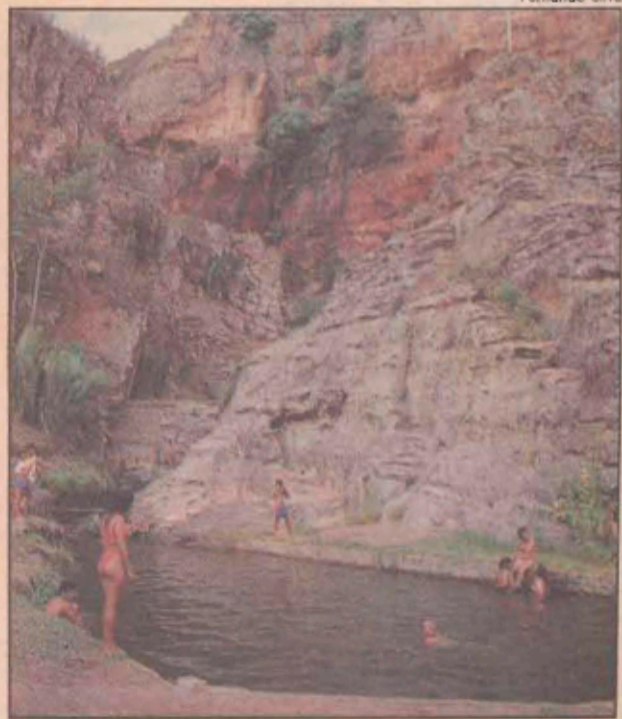
"Tenho bancado tudo sozinho. O que ganho vou investindo aqui", diz Jurandir, que até colocou placa de venda na chácara que possui em Buíque. "O turista não tem condições de chegar e depedrar o ambiente, porque eu tenho meus próprios fiscais para acompanhá-lo. Depois, o Paraíso não está sendo construído só para ele. Aqui é minha casa, como iria danificá-la?", questiona o comerciante.

Fernando Silva



Cemitério indígena na rocha

Fernando Silva



Lagoas de águas frescas são a grande atração

## Mistérios e lendas envolvem todo o lugar

As lendas que pairam sob o céu azul do Catimbau impregnam o lugar de um misticismo que envolve qualquer visitante. Já na própria estrada de terra, que parte de Buíque, o visitante vai-se deparando com a beleza do lugar, vendo à sua volta as várias formações rochosas, que escondem, segundo os moradores da região, minérios de alto valor.

Na pequenina vila, o tempo parece que parou; uma igreja e duas ruas laterais. O silêncio profundo é quebrado vez ou outra pelos poucos turistas que se lançam na emocionante aventura de seguir os passos de seres que habitaram o local há mais de seis mil anos.

Arqueólogos garantem que este grupo era formado por caçadores do período holocênico que moravam em cavernas e constituíam uma civilização anterior ao desenvolvimento da agricultura. Os antigos habitantes conheceram, ainda, o extrativismo. A tradição atribui a pintura das cavernas a fenícios, egípcios e até extraterrestres. Essas marcas são visíveis por quase toda a região.

O parque arqueológico do Catimbau compreende as Seras do Quiri d'Alho, onde está a Chapada de São José; Serra de Jerusalém, onde está o Paraíso Selvagem; Serra do Coqueiro; Serra do Macaco; Serra dos Três Irmãos; Serrote do Carneiro; Serra do Buíque; Serra do Coboço e da Jibóia e Morro do Elefante; Morro da Bola e Serrote Preto.

Na área do parque há pelo menos quatro cemitérios indígenas em cavernas. Em outras delas há mostras de que seres antigos as habitaram. A região é ainda rica em minérios caulim, matéria-prima usada na fabricação de louças e azulejos. As várias trilhas reservam fuscínios e descobertas inesquecíveis. É como se, no final do passeio, o visitante se sentisse de alma lavada. A temperatura média no inverno é de 15 graus e no verão as caminhadas podem ser feitas sob uma temperatura que varia entre 22 e 26 graus.

## FEITIÇARIA

Uma figura que não pode

deixar de ser visitada na vila do Catimbau é seu Sebastião França, um típico contador de histórias. Entre outras, ele narra que já viu por duas vezes discos voadores pousarem na região. Por essas e outras é que a antiga terra da feitiçaria como era conhecida a localidade, reserva mistérios que impressionam o mais insensível dos visitantes. Neste verdadeiro santuário ecológico, quem busca a paz está no caminho certo.

Para se chegar até o Catimbau deve-se pegar a estrada na direção de Buíque. Do Recife até lá a estrada está em ótimas condições. Em Buíque não há segredos para se descobrir o acesso. É só passar pelo único posto de gasolina existente na cidade, indo na direção de Tupanatinga, e entrar à direita logo após o açude existente às margens da rodovia. Para quem desejar chegar ao Paraíso Ecológico ou ter a orientação de um guia é só ligar para o posto telefônico de Catimbau e pedir para falar com Jurandir Silva. O telefone é 821-0510.